

MEMÓRIAS LITERÁRIAS DE BELÉM DO PARÁ: O GRUPO DOS NOVOS (1946-1952)¹

Marinilce Oliveira COELHO

RESUMO: *O Suplemento Arte Literatura, encarte dominical do jornal Folha do Norte, circulou no período de 1946 a 1951, em Belém do Pará. Exponente da literatura e da crítica literária, esse periódico agrupou a “Geração dos Novos” poetas, ficcionistas e críticos locais, além de autores nacionais e estrangeiros que representavam o pensamento do pós-guerra. Esse suplemento literário proporcionou uma vida literária relativamente movimentada na capital paraense ao romper com o isolamento cultural, no qual Belém encontrava-se em relação à hegemonia cultural dos grandes centros urbanos do país. Ao detalhar a descrição e análise de seu conteúdo, este trabalho dedicou-se também a acompanhar seus principais antecedentes, no período 1923-1929 e 1938-1942, no contexto cultural da expansão urbana de Belém e da formação de uma geração de jovens literatos, e, posteriormente ao “Arte Literatura”, os sinais de esgotamento dessa experiência.*

ABSTRACT: *The newspaper supplement called “Suplemento Arte Literatura”, was part of the “A Folha do Norte”, issued in Belém, the capital of the state Pará in Brazil, from 1946 to 1951. It was a literature and literature critic exponent and it scooped the called “new generation” of poets, fictionists and local literature critics, besides Brazilian and foreign authors that represented the after-war literature spirit in Brazil. This supplement brought a literature life in the town when it broke up with the cultural isolation in which Belém had always been, compared with the other big cultural urban centers in the country. This is a detailed description and analysis of this supplement, including a description of the cultural environment during the urban expansion in Belém and the arise of a generation of young writers that preceded this period, from 1932 to 1929 and from 1938 to 1942 and, after the “Arte Literária”, the signs of depauperation of this experience.*

¹ Texto resultante da Tese de Doutorado, apresentada ao Curso de Teoria e História Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), no dia 07 de agosto de 2003, sob a orientação do Prof. Dr. Francisco Foot Hardman.

I

Estudar um movimento literário à margem do cânone implica estabelecer um diálogo entre literatura e história e indagar sobre o mecanismo do esquecimento e do silêncio imposto à memória coletiva, dentro de uma expectativa em que se abordem os problemas do tempo e da história. Esse silêncio não acontece por acaso, mas se faz e se refaz na relação de poder dos “senhores da sociedade”, como assinala Jacques Le Goff, que ao longo da história estruturam uma rede de silêncio sob a memória coletiva. Em nosso caso, o trabalho realizado foi com o objetivo de revelar a importância do movimento literário que ocorreu em Belém nos anos de 1946 e 1952, a fim de tirá-lo do silêncio histórico no qual se encontrava - situação comum a muitos movimentos literários do país. A segunda metade da década de 1940 é culturalmente marcada em Belém pela fundação do suplemento literário do jornal *Folha do Norte* e pela presença de seu grupo mentor - “os novos” - formado por nomes que, posteriormente, seriam reconhecidos no panorama nacional e internacional, como os de Benedito Nunes, Mário Faustino, Haroldo Maranhão, Max Martins. O “Grupo dos Novos” de Belém do Pará, simultâneo à chamada “Geração de 45”, não é por mim considerado um movimento acima ou abaixo de outros movimentos literários surgidos no país naquela década, pois entendo que os movimentos literários, culturais ou estéticos têm ritmos diferentes, autores singulares e cabe ao pesquisador reconhecer tais peculiaridades.

Desse modo, ao introduzir a escrita do material pesquisado, defendi a tese do valor histórico, literário e crítico deste encarte dominical para a compreensão da visão do homem e do mundo amazônico do pós-guerra. A fim de melhor compreender o processo histórico da geração literária paraense de 1945, o estudo em questão volta-se para o movimento Modernista paraense das décadas de 1920 e 1930, precisamente os movimentos da *Belém Nova* (1923-1929) e da *Terra Imatura* (1938-1942), duas revistas literárias que muito contribuíram para o diálogo de grupos locais com o movimento do país, analisadas no contexto cultural da expansão urbana de Belém e da formação de uma elite intelectual local.

II

A cidade de Belém, durante a Segunda Guerra Mundial, passava por um certo isolamento geográfico e cultural em relação às metrópoles do sudeste e sul do país. A capital paraense ligava-se às principais cidades portuárias brasileiras pela navegação costeira dos Itas. As viagens de avião eram raras, o sistema aéreo Condor anunciava nos jornais apenas um vôo semanal de Belém para o Rio de Janeiro e para a Europa. Belém contava com uma população de aproximadamente 200 mil habitantes e por essa época, assim como Natal-RG, a cidade serviu de base aérea para o governo norte-americano. Aviões cargueiros e hidroaviões tornaram-se comuns no céu amazônico. O paraense conviveu com as mudanças na paisagem

urbana na cidade, das quais podemos destacar a construção do aeroporto internacional, casas para os militares americanos, pontes, saneamento básico, enfim, estabeleceram-se novos ares na cidade que se dividia com o serviço precário e ineficiente dos bondes, do ônibus e da luz elétrica. Anúncios em inglês eram publicados na imprensa local, nos quais os habitantes de Belém ofereciam serviços de intérprete, de restaurante, de hospedaria, entre outros, aos soldados estrangeiros. Por ora, uma poesia ou outra, sem grande importância estética, era publicada nos jornais.

Nesse instante, pode-se dizer que a vida literária local encontrava-se em desfalecimento. A revista *Terra Imatura*, dirigida pelos irmãos Macambira Braga, que, no final da década de 1930, apresentara-se bastante expressiva em seu conteúdo literário, havia fechado as portas por motivos financeiros no ano de 1942. Intelectuais e poetas resistiam àquela apatia cultural através do agrupamento de amigos que formaram pequenos círculos literários nos cafés e em suas casas residenciais. Nesse interstício é provável a existência de outros locais desencadeadores de cultura como o Grêmio Literário Português, a Academia Paraense de Letras, a Faculdade de Direito, no entanto, não cabe aqui tal análise. Esses intelectuais da Belém da Segunda Guerra, ligados pela afinidade literária e pela amizade, enfrentaram as dificuldades editoriais de uma cidade que deixava para trás casas impressoras famosas como a Livraria Universal, a J.B. dos Santos & Cia, Taveira e Serra, Pinto Barbosa & Cia, entre outras que publicaram livros de autores locais do fim do século XIX e que cumpriram um papel decisivo na formação cultural da capital paraense.

Numa clara confissão da precariedade editorial em se encontrava Belém durante a Segunda Grande Guerra, Dalcídio Jurandir, autor de *Chove nos campos de Cachoeira*, no prefácio de seu primeiro livro premido, narra os obstáculos enfrentados para enviar de Belém para o Rio de Janeiro os manuscritos de sua autoria, que mais tarde seria o melhor romance do ano de 1941. A dificuldade financeira do escritor, a distância geográfica, o preço da taxa dos correios e a demora da encomenda para chegar ao destino foram alguns pontos tocados pelo escritor paraense a fim de demonstrar os problemas de sua geração.

Nessa mesma época, mais precisamente em 1942, um grupo de adolescentes fundava em Belém uma associação literária, conhecida como Academia dos Novos. Entre os confrades, Alonso Rocha, Benedito Nunes, Jurandir Bezerra, Haroldo Maranhão e Max Martins. Essa associação serviu como fonte de uma longa amizade entre os integrantes e do começo de uma literatura moderna em Belém do Pará. Inspirada no modelo europeu de academia literária, os jovens confrades seguiam o ritual acadêmico de solenidade de posse, patrono e encontro marcado na casa das tias de Benedito Nunes. A sala de estar do antigo casarão na avenida Gentil Bittercourt tornou-se o local ideal para as reuniões dos associados. O ambiente conservador da casa em sua arquitetura do século XIX e, mais ainda, o mobiliário composto por autênticas cadeiras austríacas serviu de moldura para o clima

tradicional que pairava no ar na Academia dos Novos. Depois de três anos em atividades, essa associação fechou. Não cabia mais para aqueles jovens o velho paradigma literário do romantismo ou do parnasianismo português ou brasileiro. O mundo oferecia muito mais. O grupo cresceu e novos integrantes, alguns mais moços, outros mais velhos na idade, compartilharam do ideário, como Mário Faustino, Ruy Guilherme Paranatinga Barata, Paulo Plínio Abreu, Francisco Paulo Mendes. Com exceção de Mário Faustino, todos esses autores já contavam com a experiência do movimento literário de 1930.

III

Conhecidos pelo nome de “Grupo dos Novos”, essa nova geração de intelectuais paraenses proporcionou novos caminhos na literatura local. Corria o ano de 1946, Haroldo Maranhão fundou e dirigiu o *Suplemento Arte Literatura*, que publicou a literatura e a crítica literária. O suplemento circulou até janeiro de 1951, num total de 165 números. Colaboravam em suas páginas dominicais poetas, escritores e críticos estreados ou renomados de diversos estados do país. Nomes como os de Álvaro Lins, Augusto Frederico Schmidt, Aurélio Buarque de Holanda, Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, Ledo Ivo, Lúcia Miguel Pereira, Manuel Bandeira, Maria Julieta Drummond, Otto Maria Carpeaux, Wilson Martins, Sérgio Buarque de Holanda e outros, dividiam espaço no tablóide local com Alonso Rocha, Jurandir Bezerra, Haroldo Maranhão, Max Martins. As manhãs de domingo na Belém do pós-guerra eram enriquecidas pela literatura, por entrevistas ou artigos de autores estrangeiros como Sartre, Camus, Heidegger. A leitura semanal do que havia de mais representativo na literatura nacional e estrangeira tornou-se um marco decisivo na formação de uma geração de poetas e críticos paraenses. Nesse sentido, o suplemento da *Folha do Norte* é metáfora do diálogo estabelecido entre os autores locais, nacionais e internacionais, ligados por temas do cotidiano e da condição humana do pós-guerra.

IV

As “novas gerações” literárias surgidas nas diversas regiões do Brasil, após 1945, inauguraram um novo momento da literatura nacional, marcado pela construção de uma estética mais equilibrada entre forma e conteúdo. Distante da essência “destrutiva” e avassaladora dos modernistas de 1920, esses “novos” autores tiveram a preocupação de diferenciar o movimento literário em relação ao anterior. Os suplementos literários e as revistas, os chamados gêneros híbridos da teoria literária, foram de suma importância para a divulgação da nova literatura brasileira. O contato imediato com um grande público – o leitor de jornal – contribuiu para que

os jovens talentos da literatura nacional se tornassem reconhecidos. Sobre a nova geração de poetas e escritores que surgiu no país, o suplemento literário da *Folha do Norte* publicou uma série de artigos sobre o assunto. Entre os autores, Wilson Martins, Lúcia Miguel Pereira, Sérgio Buarque de Holanda e Ledo Ivo – esse último estreante na crítica literária. O objetivo desses autores era demonstrar a nova geração de poetas que estava surgindo no país. E há, nesses artigos, a tentativa de criar, dentro da história literária nacional, o fenômeno da descentralização da produção poética e ficcional do país. Moços de diferentes zonas geográficas do país estreavam como poetas, escritores e críticos em revistas e jornais locais. “Sem sair de casa” esses jovens estreantes começaram a ser reconhecidos além da fronteira regional. Nesse cânone literário ampliado, o “clássico triângulo” Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais perdia espaço para outras regiões. Nas bancas de jornal e livrarias, novas revistas e suplementos literários aparecem divulgando nome de gente nova. É a vez da *Clã*, de Fortaleza; *Encontro*, de Belém; da *Joaquim*, de Curitiba; da *Edifício*, de Belo Horizonte; da *Orfeu* e da *Revista Brasileira de Poesia*, de São Paulo, entre outras.

Entre os novos poetas paraenses, o suplemento literário da *Folha do Norte* publicou os primeiros poemas de Mário Faustino – que mais tarde dirigiria o Poesia-Experiência, encarte do *Jornal do Brasil*. O drama espiritual desta poesia inicial já evidenciava a dimensão poética deste autor, que anos mais tarde atingiria uma acentuada inquirição nos poemas posteriores de Mário. Como pode ser visto, por exemplo, nos seguintes versos *Da rosa somente a pétala inconsútil/Inamissível lembrança/ Onde o perfume e a cor incompassiva?! A beleza é apenas a passagem divina*. Temos um artista ciente da palavra, da forma. E crítica literária local, assinada por Benedito Nunes, Francisco Paulo Mendes e Haroldo Maranhão, assume um novo conceito de literatura que valoriza a palavra, a criação de novas imagens e ritmos presente em autores locais, nacionais e internacionais.

Além do suplemento literário, o “Grupo dos Novos” publicou ficção, poesia e crítica nas páginas das revistas *Encontro* e *Norte*. Alguns dos autores locais chegaram a publicar em revistas de outros estados, como foi o caso de Haroldo Maranhão na revista *Clã*. A intensa sociabilidade desses jovens não se limitou somente à literatura, também estimulou o cinema e o teatro locais. O grupo dos “novos” fundou o clube de cinema “Os Espectadores” - inspirado nos chamados cineclubes no mundo inteiro. De finalidade educativa, através da crítica de cinema publicada na revista *Norte*, esclarecia o público sobre o bom e o mau filme.

O “Grupo dos Novos” dispersou-se em 1952 com a última edição da revista *Norte*. Nesse mesmo ano, Max Martins lançou seu primeiro livro de poesia, *O Estranho*. Alguns participantes saíram de Belém por motivos de trabalho, ou familiar. Outros ainda moram na capital paraense. Sendo assim, o suplemento literário abriu espaço para uma literatura séria e permanente. O grupo estava ligado não somente aos movimentos nacionais, mas também à literatura dos grandes centros culturais do mundo, como Paris, Roma, Londres, Nova York. Diante

disso, a pesquisa revelou a importância dos movimentos literários que ocorreram em Belém a partir dos anos 20, em especial, nos anos de 1946-1952, período culturalmente marcado pelo suplemento literário em estudo e seu grupo mentor, o “Grupo dos Novos”. Finalizando, pode-se afirmar que o movimento literário de 1945, em Belém, ou melhor, o movimento moderno do “antiprovinciano tablóide” de 1946, juntamente com as revistas *Encontro* e *Norte*, não se encontra acima ou abaixo de outras produções culturais ocorridas nessa mesma época no Brasil. A poesia, a ficção e a crítica de autoria dos “novos” mostram a importância do movimento local por indicarem testemunhos do caráter diversificado e heterogêneo dos movimentos literários nacionais, que se fazem e refazem não só nas redes do intercâmbio com literaturas estrangeiras de maior poder de projeção, como também nas trocas localizadas com a imensa teia das produções regionais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BHABHA, Homi K. (1998). *O local da cultura*; tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláudia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG.
- BENJAMIN, Walter. (1994). *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*; tradução Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense.
- BERMAN, Marshall. (1986). *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*; tradução de Carlos Felipe Moisés e Ana Maria Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras.
- BOSI, Alfredo. (1992). *Cultura brasileira: temas e situações*. São Paulo: Ática.
- CASANOVA, Pascale. (2002). *A república mundial das letras*. São Paulo: Estação Liberdade.
- CHARTIER, Roger. (1990). *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa, Rio de Janeiro: Difel/Bertrand Brasil.
- FAUSTINO, Mário. (1976). *Poesia – experiência*. São Paulo: Perspectiva.
- FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. (2001). *Eternos modernos: uma história social da arte e da literatura na Amazônia, 1908-1929*. Campinas, Unicamp. Tese de doutorado apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. (1997). *Sete aulas sobre linguagem, memória e história*. São Paulo: Imago.
- JURANDIR, Dalcídio. (1941). *Chove nos campos de Cachoeira*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Vecchi Editor.
- HARDMAN, Francisco Foot. (1992). Antigos modernistas. In: NOVAES, Adauto (org.). *Tempo e História*. São Paulo: Companhia das Letras: Secretaria Municipal de Cultura.
- _____. (2000). Algumas fantasias de Brasil: o modernismo paulista e a nova naturalidade da nação. In: DECCA, Edgar Salvadori e LEMAIRE, Ria (org.). *Pelas margens: outros caminhos da história e da literatura*. Campinas, Porto Alegre: Ed. da Unicamp/Ed. da UFRGS.

- HOBSBAWN, Eric. J. (1995). *Era dos extremos: o breve século XX (1914–1991)*; tradução Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras.
- LE GOFF, Jacques. (1990). *História e memória*; tradução de Bernardo Leitão[et. al.]. 14ª ed. Campinas: Editora da Unicamp. (Coleção Repertório).
- MARTINS, Max. (1992). *Não para consolar: poesia completa*. Belém: Cejup.
- MARTINS, Wilson. (1983). *A crítica literária no Brasil*. v. 2 (1940 –1981). Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- CHAVES, Albeniza de Carvalho. (1986). *Tradição e modernidade em Mário Faustino*. Belém: UFPA.
- MEIRA, Clóvis et. al. (1990). *Introdução à literatura no Pará*. Belém: Cejup.
- NUNES, Benedito. (2000). *Dois ensaios e duas lembranças*. Belém: Secult/ Unama.
- _____. (org.). (1966). *Poesia de Mário Faustino*: Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- _____. (org.).(1966). *O amigo Chico, fazedor de poetas*. Belém: Secultx.
- OLIVEIRA, Alfredo. (1966). *Ruy Guilherme Paranatinga Barata*. Belém: Cejupx.
- ROCHA, Alonso. (1990). Dois amigos na Academia. In: *Revista da Academia Paraense de Letras*, Belém, v. XXXIII, p. 117-129.
- PENTEADO, Antônio. (1974). *Belém: estudo da geografia urbana*. Belém: UFPA.
- ROQUE, Carlos. (s/d). *Antologia da cultura amazônica: história, ensaios históricos e memória*. Belém: Edições Culturais.

FONTES ORAIS

- BEZERRA, Jurandir. (2000). *Entrevista concedida por telefone a Marinilce Oliveira Coelho*, doutoranda do Instituto de Estudos da Linguagem.
- MARTINS, MAX. (2000). *Entrevista concedida a Marinilce Oliveira Coelho*, doutoranda do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp. Belém, 30 mar.
- NUNES, Benedito. (1999). *Entrevista concedida a Marinilce Oliveira Coelho*, doutoranda do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp. Belém, 2 abr.
- ROCHA, Alonso. (2000). *Entrevista concedida a Marinilce Oliveira Coelho*, doutoranda do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp. Belém, set.

PERIÓDICOS

- Belém Nova**. Belém, 1923 – 1929.
- Norte**. Belém, 1952.
- Terra Imatura**. Belém, 1938.
- Suplemento Arte Literatura. **Folha do Norte**. Belém, 1946–1951.